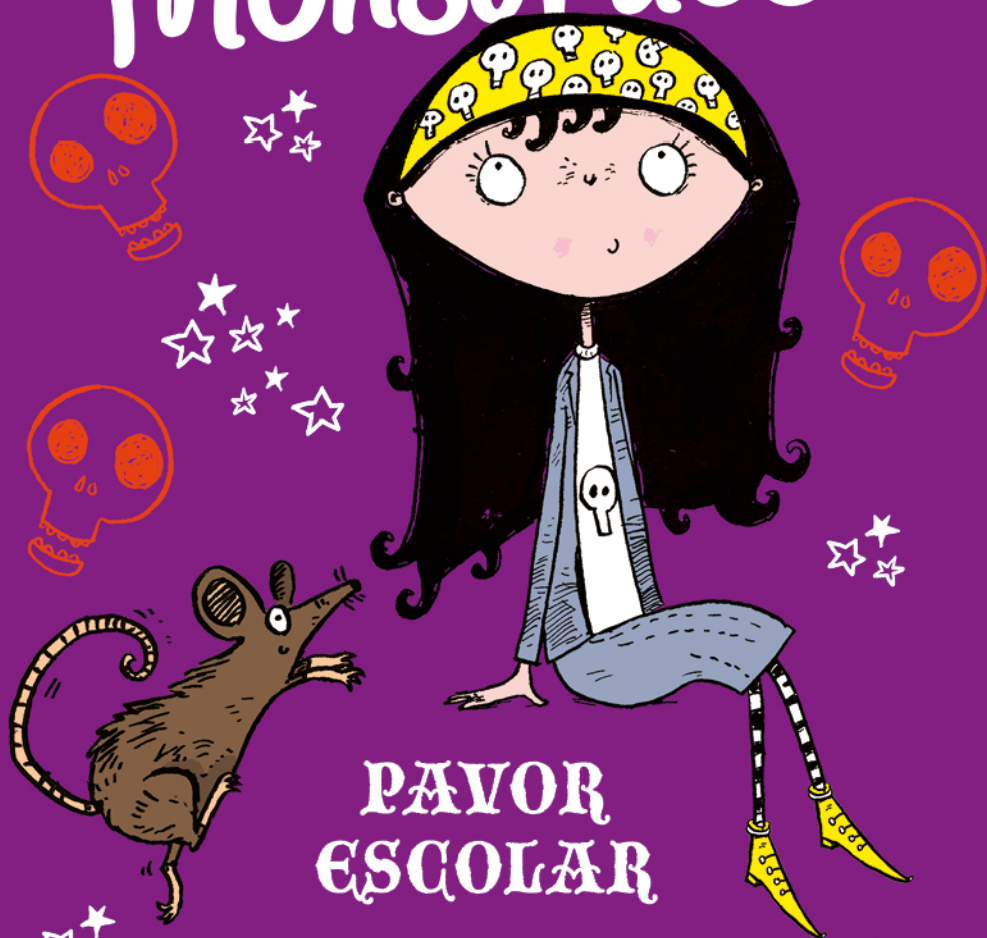


A. B. Saddlewick

Mia Monstruosa



PAVOR
ESCOLAR

A. B. Saddlewick

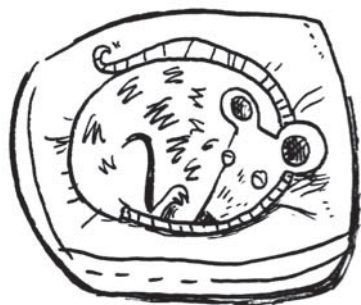
Tradução: Andresa Vidal

Mia Monstruosa 4

PAVOR
ESCOLAR



Um agradecimento
especial a Tim Collins





Capítulo Um

O rato de estimação de Mia Montague tinha fugido de novo.

— Não, Quentin! — ela sibilou.

Ele foi correndo pelo encosto do banco de trás do ônibus escolar, indo direto para Walter, o lobisomem da turma acima da dela.

Walter estava com a cabeça encostada, cochilando, com a língua pendurada para fora de um lado da boca.

— Quentin, volta aqui agora mesmo! — chamou Mia, o mais alto que ousou.

Quentin olhou para trás, roçando com a cauda no focinho preto e achatado do lobo.

— AAATCHRUMM! — Walter acordou com um barulho que era metade espirro, metade rugido.

Quentin guinchou e se lançou do ombro de Walter direto para o bolso de Mia.

— Grrroar! Por que você me acordou? — Walter perguntou a Bartolomeu Ossos, o esqueleto que estava sentado ao lado dele.

— Não fui eu não — disse Bartolomeu.

— Então por que está rindo? — perguntou Walter.

— Não consigo parar — disse Bartolomeu. — Esqueletos vivem rindo.

Walter rosnou.

— Muito conveniente, hein?

Os freios chiaram, jogando todo mundo para fora dos assentos, e o ônibus derrapou até parar na beira da estrada. O motorista buzinou três vezes, em longos toques. Mia se levantou do chão, conferiu se Quentin estava bem e espiou pelas janelas empoeiradas. Uma limusine com a placa M4LV4DO passou em disparada. Quem estava com tanta pressa assim?

— Alguém viu meu braço esquerdo? — perguntou Zak Zumbi.

— Está aqui — disse o motorista, vasculhando debaixo dos pedais.

O ônibus voltou à vida com um ronco e arrancou outra vez aos trancos.

— Quem será que era? — murmurou Mia.

Quando chegaram ao Colégio da Mata, Mia ficou chocada ao ver o carro preto estacionado bem na frente. Com certeza nenhum dos professores podia pagar por um veículo daqueles.



Uma das portas de trás foi aberta, revelando um interior de couro bege impecável. Uma garota de sapatos com fivelas e vestido preto esfarrapado desceu. Mia não podia acreditar. Era sua colega de classe, Penélope Peçonhenta!

Penélope era uma bruxa de chapéu pontudo e cabelos roxos e ela costumava pegar o ônibus com todo mundo. O que ela estava fazendo num carro tão luxuoso?

— Até mais tarde — disse Penélope para a pessoa que estava dirigindo.

Mia não conseguiu ver o rosto sob a aba do chapéu, mas uma mão surgiu da janela para acenar uma despedida, e Mia reparou num grande anel de ouro no dedo indicador.

Penélope bateu a porta com força e o carro deu a volta e disparou pela estrada, levantando pedrinhas de cascalho no ar. Um grupo de alunos mais novos se espalhou, saindo do caminho para não serem atropelados por pouco.

Mia correu até Penélope quando ela subia os degraus de pedra da escola.

— Belo carro, hein? — perguntou Mia. — Você não andou lançando um feitiço nos números da loteria, andou?

— É o carro do meu tio Peregrino — disse Penélope, olhando Mia de cima. — Quer dizer, *um* dos carros dele.

— Quantos ele tem? — perguntou Mia.

— O suficiente para encher a entrada gigantesca da mansão dele — disse Penélope. — Vou ficar hospedada lá enquanto meus pais estão de férias em Salém. Aí não

vou precisar pegar aquele ônibus fedorento pelas próximas semanas.

— Ele só fica fedido quando Zak Zumbi esquece o spray pós-túmulo — disse Mia. — Não sei por que você está se achando tanto.

— Porque o tio Peregrino é dono de centenas de hotéis e tem muita grana — disse Penélope, atravessando o arco da porta da escola. — Mas eu não esperaria que uma desmazelada como você entendesse.

Mia ficou para trás no *hall* de entrada, enquanto uma multidão de admiradores se juntava em volta da bruxa. Já era difícil aturar Penélope. Aquilo a deixaria simplesmente insuportável.



— Juntem-se aqui, meus monstrinhos — disse o professor Gool.

O professor de ciências alisou os dois tufo de cabelo branco que tinha na cabeça, mas eles saltaram de volta para cima. Ele puxou um caderno do bolso do jaleco e fez sinal para que os alunos se aproximassem da mesa na frente da sala.

— Você também, Montague — disse.

Mia espiava pela janela estreita, tentando ver se encontrava seu melhor amigo vampiro, Vladimir Paprika. Ele costumava voar para a escola em forma

de morcego, mas naquele dia estava atrasado. Mia se surpreendeu. Ele tinha ficado empolgadíssimo para aquela aula sobre como trazer os mortos de volta à vida.

Mia foi até a mesa da frente e ficou ao lado de Luan Lobo. Ele era um lobisomem, irmão mais novo de Walter, e o segundo melhor amigo dela. O professor Gool puxou um lençol, revelando um par de grampos metálicos ligados a um gerador.

— Uau! Monstruoso! — disse Luan.

— Eu primeiro — disse Frank Stein, um aluno grandalhão de pele verde e parafusos de metal saindo do pescoço. — É igualzinho ao que temos lá em casa.

— Receio que não — disse o professor Gool. — Não posso mais demonstrar nos alunos. Regulamentos de saúde e segurança.

Todos os estudantes resmungaram em lamento.

— Não é decisão minha — disse o professor. — Se fosse por mim, vocês poderiam deixar a eletricidade passar pelo corpo até que seus olhinhos estalassem e pulassem para fora. Não me fez mal algum quando eu tinha a idade de vocês.

— É melhor demonstrar num sapo morto, então — disse Penélope. — Tenho alguns na minha lancheira para feitiços.



— Também não posso mais fazer isso — disse o professor Gool. — Direitos dos animais.

Penélope revirou os olhos.

— Vou ter que demonstrar com isto aqui — disse ele, tirando uma armadura de debaixo da mesa. — Ela não tem sentimentos. — Ele ergueu os grampos. — Agora, quem pode me dizer onde eles devem ir?

Frank Stein apontou para os parafusos em cada lado do pescoço.

— Isso mesmo — disse o professor Gool.

Ele prendeu os grampos em cada lado do capacete e girou o botão do gerador. A armadura começou a se sacudir toda.

— Agora — disse o professor Gool —, observem o que acontece quando aumento a potência.

Ele girou o botão e o gerador emitiu um apito agudo. A armadura chacoalhou violentamente.

Do outro lado da sala, Mia percebeu que Penélope mexia os dedos e murmurava baixinho.

— Professor, a Penélope está lançando um feitiço — disse Mia.

— Silêncio — disse o professor. — Estou tentando me concentrar.

O professor Gool estava focado no botão e não viu os grampos se desprenderem do capacete e flutuarem magicamente até as patas peludas de Luan Lobo.



— Agora, vamos aumentar ainda mais a potência — disse o professor, girando o botão.

— Auuuuuuuuuuuu! Auuuuuuuuuuuuuuuuuu!

Luan Lobo saltou no ar, e seus pelos ficaram arrepiados quando os grampos tocaram suas patas.

O professor Gool ficou olhando para a armadura sem vida.

— Ora essa, não funcionou. Vou tentar um pouco mais.

— Espera, professor! — disse Mia.

O professor girou o botão de novo.

Luan Lobo uivou como se sua cauda tivesse ficado presa na porta de um carro. Fumaça saía de suas orelhas, e a sala começou a cheirar vagamente a churrasco.

— Professor! — gritou Mia.

Finalmente, o professor percebeu o lobisomem chamuscado e desligou a energia.

Penélope caiu na gargalhada, enquanto todos os outros se amontoavam em volta de Luan Lobo, aflitos.

— Estou bem — disse Luan Lobo, embora seus pelos continuassem arrepiados, fazendo-o parecer um enorme ursinho de pelúcia desgrehado.

— Vamos tentar de novo — disse o professor Gool.
— E, desta vez, sem pegadinhas idiotas.

Mia franziu a testa para Penélope, depois voltou a olhar pela janela. Nem sinal de Vladimir Paprika, mas ela notou um carro azul entrando na escola. Muito estranho. Os únicos veículos que Mia já tinha visto no estacionamento eram o ônibus escolar barulhento e

os carros velhos dos professores. Aquele parecia um carro perfeitamente normal.

Uma jovem saiu do carro e apertou um botão no chaveiro, fazendo o veículo apitar. Ela usava um terno cinza elegante com sapatos pretos baixos, e os cabelos castanhos estavam repartidos ao lado. A não ser que tivesse um par de asas ou uma cabeça extra escondida em algum lugar, parecia uma humana comum. Mas o que uma humana estaria fazendo numa escola de monstros?



O professor Gool tinha acabado de religar os eletrodos quando a diretora da escola veio flutuando pela porta. A diretora era um fantasma de óculos redondos enormes e cabelos presos num coque. Ela também era a tia-avó Ethel de Mia; embora os outros alunos não soubessem disso.

A diretora costumava ter uma expressão calma e severa, mas, naquele dia, os olhos estavam arregalados, as mãos tremiam, e ela flutuava ainda mais alto do que o normal.

— Guardem tudo agora mesmo — gritou a diretora. Ela apontou para a armadura. — Cubram essa coisa.

— Por Hades, o que está acontecendo? — perguntou o professor Gool.

— Temos uma inspetora aqui — disse a diretora. — Uma inspetora humana. Se ela descobrir que tipo de escola é esta, vamos fechar as portas.

O professor Gool arfou e jogou o lençol de volta sobre a armadura.

A diretora apontou para Mia.

— Montague! Desça e se apresente à inspetora como representante de turma!

— Eu não sabia que era representante de turma — disse Mia.

— Pois agora é — disse a diretora. — Se tem alguém aqui que consegue se passar por uma pessoa normal, é você.

— Pois é, queria entender isso — resmungou Penélope.

Mia ficou corada. Ela era a única aluna humana do Colégio da Mata, e só algumas poucas pessoas de confiança conheciam seu segredo. Mas Penélope tinha visitado sua casa recentemente e começava a desconfiar.

— Quanto ao resto de vocês — gritou a diretora —, ponham os disfarces, rápido! E nada de fazer coisas esquisitas enquanto a inspetora estiver aqui. Isso significa nada de feitiços, nada de rosnados e absolutamente nada de arrancar membros.

— Senhora! — disse Bartolomeu Ossos, erguendo a mão. — Esqueci meu disfarce hoje. Não sabia que ia precisar.

— Quantas vezes tenho que dizer para não sair de casa sem ele? — disse a diretora. Ela lançou um olhar severo para a ossada branca de Bartolomeu e balançou a cabeça. — É melhor se esconder no armário.

Bartolomeu se levantou e foi se arrastando até o armário.



— Senhora, eu também esqueci o meu — disse Isabel Invisível, do fundo da sala.

— Ora, não se preocupe — disse a diretora. — De alguma forma, acho que não será um problema.

— Que injusto — disse Bartolomeu Ossos.

— Para o armário! — gritou a diretora, flutuando ainda mais alto no ar. Vários alunos estremeceram de susto. Mia nunca tinha visto a diretora tão em pânico. Bartolomeu correu para obedecer.

— Muito bem — disse a diretora, descendo novamente. — Agora todos vocês vão fingir ser humanos, entendido? Vamos conseguir lidar com isso.

Mia não tinha lá tanta certeza.

